

MARÉ VIVA

Director: NUNO BARBOSA

SEMANÁRIO

ANO VIII N.º 352 — PREÇO 12\$50 — 25/8/83

DOMINGO, COMEÇA «A LUTA»...

«Evitar a descida, com tranquilidade...»

— propósito de Álvaro Carolino
Treinador de Futebol do S. C. E.

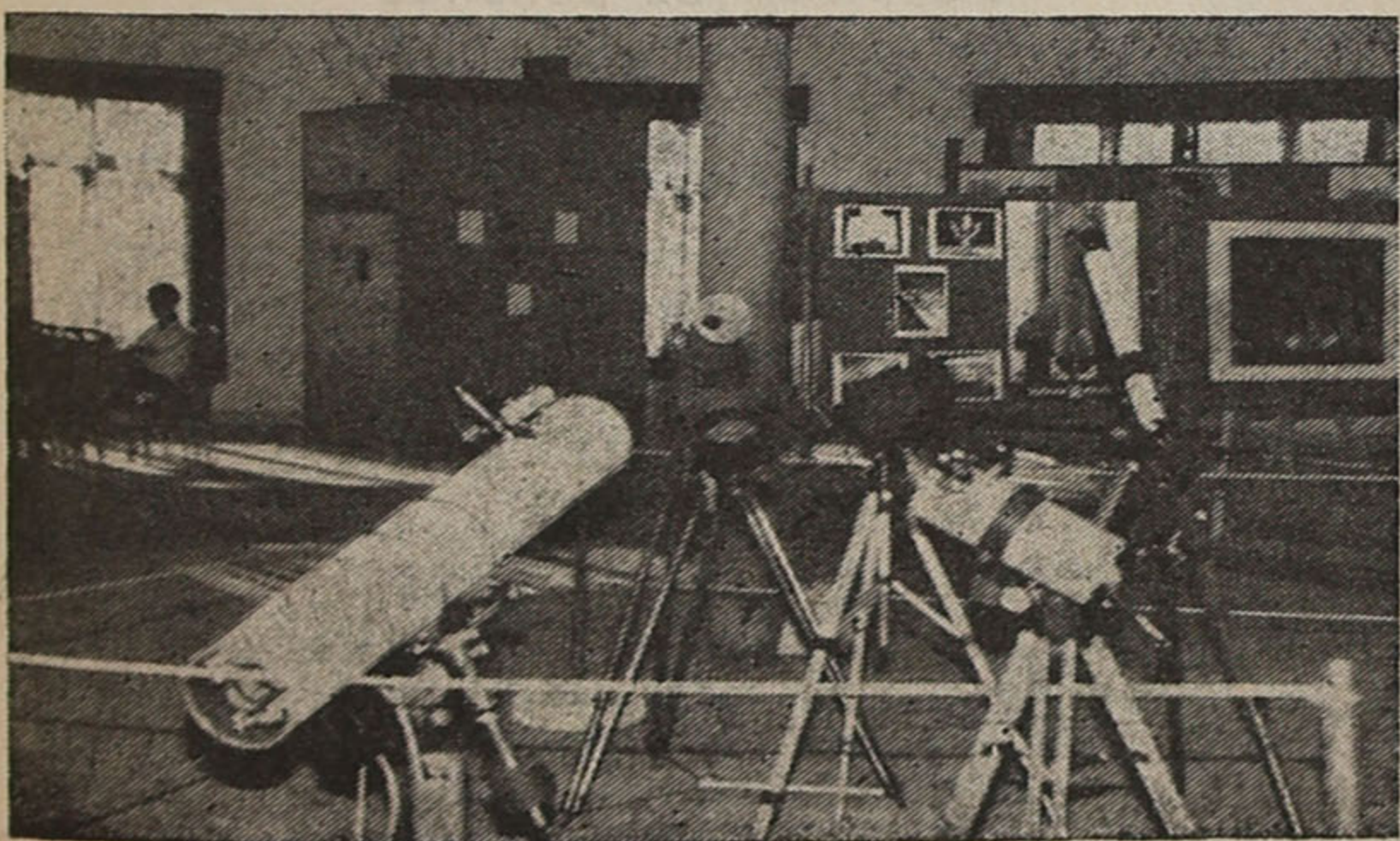
— entrevista na página 7

DR. MIRANDA VALENTE:

”Sou bairrista, mas sem fanatismos”

— ÚLTIMA PÁGINA

3.^a Semana Astronómica



Um aspecto duma exposição com interesse

constituiu

um

êxito!

— PÁGINA 3

COM O MAR COMO FUNDO...



A cidade é como um mosaico que todos os dias se diferencia de si próprio para adquirir, com o tempo que passa, novas formas, novas cores, nova fisionomia.

Todavia, mais lentas são as gentes na mudança de seus hábitos, antes recriando no espaço recente a memória de tempos idos, em que a dimensão da cidade era outra.

Assim aconteceu com o «picadeiro». Ontem na Avenida 8, hoje junto ao mar a peça é a mesma com cenário diferente: ali desagua a cidade e seus arredores uma população sedenta de quebrar a rotina dos dias de trabalho. E a cidade oferece-lhes uma outra rotina de fim-de-semana, que apesar de tudo, agrada a quem lá vai.

E se nos vem à memória a urgência de outras formas de estar na cidade, é bem verdade que, por enquanto, é esta a verdadeira face de Espinho.

REUNIÃO DA CÂMARA

SUBSÍDIOS "EM DESPACHO"

— PÁGINA 5

LEIA NO SUPLEMENTO «FIM DE MÊS»:

★ REDEIROS MANUAIS NO NOSSO CONCELHO

★ ...E SE UMA BOMBA NUCLEAR CAÍSSE EM ESPINHO ?

ESPELHO MEU

EÇA É QUE É ESSA...!

Há certas pessoas que vivem de menos! Diga-se em abono da verdade que não são tantas como isso... Em contrapartida outra gente há que gasta demasiado oxigénio na sua passagem por esta vida terrena. No entanto, em relação a estas últimas, nada de bom fica para lembrar essa permanência (demasiado longa, talvez) neste planeta. Quanto às outras, as tais que vivem de menos, a memória delas perdura muito para além do seu desaparecimento físico. Está nesse caso Eça de Queirós, em minha opinião o maior escritor da língua portuguesa, desde que D. Dinís, o «Lavrador», segundo os canhenhos de História da nossa 4.ª classe, começou a versejar em português e a abolir a latinório abastardado dos seus documentos oficiais. Pois o impiedoso Eça, se tivesse tido a sorte do mítico Matusalém, que durou quase tanto como os multicentenários castanheiros (árvores de que Aquilino Ribeiro dizia levarem trezentos anos para nascer, trezentos no seu ser, e trezentos para morrer) Eça, dizia eu, te-

ria, por certo, oportunidades múltiplas para, aqui e agora fazer várias reedições, revistas e refundidas, de algumas das obras que o projectaram decisivamente no panorama literário luso. Se não, vejamos: «A cidade e as serras» não precisaria de muitas alterações, porquanto os senhores que vivem na cidade (leia-se «A Capital») continuam a pensar que tudo o resto são serras, o que faz com que todas as deslocções dos «primos Basílios» às serras não sejam mais (ou pouco mais) do que «Uma campanha alegre»... «O mistério da estrada de Sintra» deixou de ser tão reduzido de âmbito geográfico na medida em que, no momento presente, boa parte das estradas deste País são verdadeiros mistérios para quem tem de lá circular, tão mau é o seu (delas) estado... «Prosas bárbaras» são coisas que continuamos a ler, quase diariamente, quer em certa Imprensa quer nalguns comunicados estatais... do mesmo passo que «A minas de Salomão» talvez só tenham sido multiplicadas, passando a haver

muitos mais Salomões para as mesmas (ou menos...) minas. Quanto à «Relíquia», deixou de ser as calcinhas da inglesa Mary, para passar a ser o aumento do poder de compra de todos nós, isto, pelo menos, enquanto «O mandarim» (que é o Governo) continuar apenas a fazer «Cartas familiares» para a «Ilustre casa de Ramires» que, por acaso, se chama agora FMII «O crime do Padre Amaro» deixou de se viver unicamente nas margens do Lis e mudou de propriedade. O bom do Padre Amaro, cujo único pecado era seguir as tentaçõeszinhas da carne, continuaria a ser vilipendiado por tal «crime»... Propositadamente, deixe para o fim aquela que considero a obra-prima de Eça, «O Conde de Abranhos». É que «condes» como esse, «repoltreiam-se» por aí em importantes cargos, tal como o «original» que, sem querer, chegou a Ministro da Marinha, ele, que nem sequer sabia nadar! Que ferro, não é, José Maria? N. B.

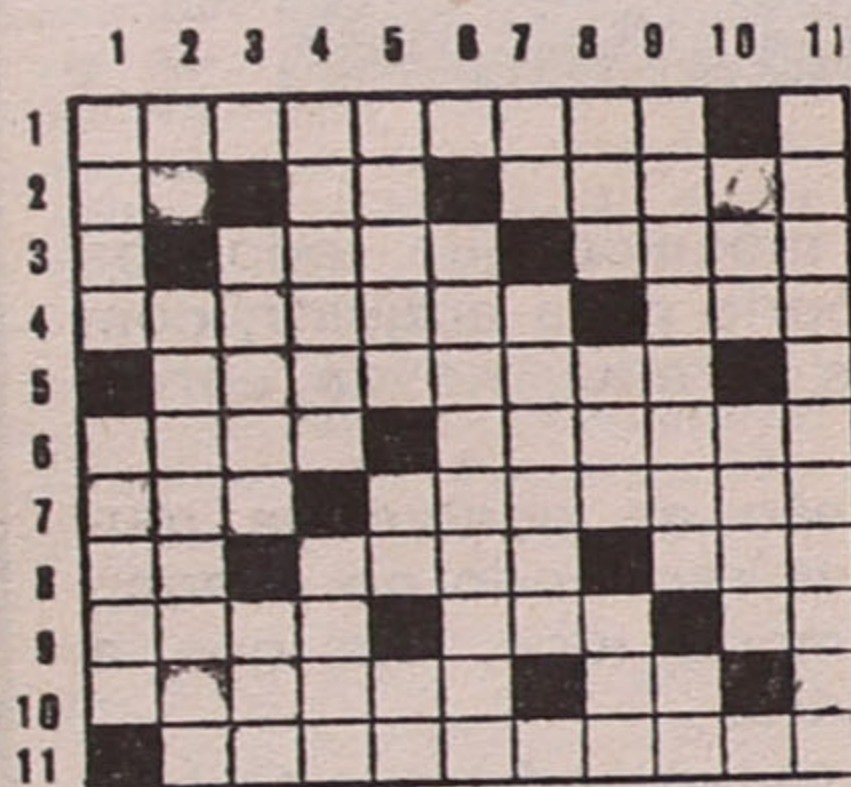
RASCUNHOS

Desde que comecei a alugar a minha capacidade de trabalho para no fim do mês levar algum para casa, nunca, que me lembre, pude gozar o meu período de férias anuais sem interrupções. Sem querer, antecipei-me, assim, à tal campanha das férias repartidas. E tenho chegado até a ser forçado a deixar dias de férias de um ano para o outro por impossibilidade absoluta de utilizar as parcelas em falta. Isto é um bocado chato mas há que aguentar. E, ao fim e ao cabo, até tenho que chegar à conclusão de que tem o seu lado bom. As férias são uma coisa boa para quem trabalha meses a fio, digam-me lá o que disserem. O seu grande inconveniente é que correm a bom correr e, quando já estamos a ficar habituados ao ripanso e meio esquecidos das obrigações profissionais, terminam, deixando um gosto amargo por não serem mais prolongadas. As férias repartidas têm a conveniência de que, quando, gozado o primeiro período delas, retomamos o trabalho, o fazemos com aquela sensação agradável de que elas não estão esgotadas e que, mais dia menos dia, voltaremos a descansar os tempitos que nos restam. Eu não dispensei as minhas férias. Não por uma questão de me valer de direitos contratuais mas porque elas são uma necessidade absoluta para mim. Ao fim de uns meses seguidos

de labuta, começo a sentir-me cansado e as férias são a terapêutica que não precisa de ser receitada por qualquer clínico. Por isso mesmo fico muito espantado quando alguém diz que não dá apreço às férias. Um amigo meu disse-me há dias que nunca tinha estado em férias, que desde puto tinha trabalhado sempre e que se alguma vez fôsse obrigado a gozar férias, ao fim de 15 dias estaria doente. Há quem diga que trabalhar é um vício. Este meu amigo é um desses viciados do trabalho. Mas arriscava-me a apostar, singelo contra dobrado, que, se alguma vez ele gozasse férias, mas «gozasse» mesmo, talvez modificasse a sua opinião. Muitas vezes dizemos que não gostamos disto ou daquilo. E na maior parte dessas vezes somos falsos porque, nunca tendo experimentado, não podemos afirmar que não gostamos. E arrisco-me a fazer um desafio a esse amigo: que peque na mulher e nos filhos, se suma para longe do local de trabalho, passeie com a família, procure umas diversões, fique sem horários nem obrigações, contacte novas gentes e conheça novos sítios. De certeza que ao fim de 15 dias estará já a lamentar-se que metade do período de férias já se foi e que afinal é bom descansar da labuta ao fim de uns meses. Carlos P. Morais



N.º 30



HORIZONTALS

1 — Unha assim doi e tem que ser extraída. 2 — Há este e voltar; aqui está a tal ilha onde o Dumas meteu o Abade Faria; é mesmo vulgar. 3 — Fica à beira do Cávado; vestem-no as indianas. 4 — Façam-nos às dificuldades para facilitar; este é tolinho pelos artistas de cinema. 5 — A RDP antigamente era a Nacional. 6 — Para os romanos era o 15 ou o 13 conforme os meses; assim fazia ao botão da campainha para lhe abrirem a porta. 7 — A sua flor é símbolo dos escuteiros; assim entoam. 8 — A hiena perdeu as vogais; fica na margem esquerda do Douro; feche

as asas para descer mais suavemente. 9 — Este não acredita mesmo; por estas se designava o telegráfo; o animal começa assim. 10 — Perto de Aveiro há muitas como esta; não vinha. 11 — Quando um doente entra na sala desta a coisa está preta

VERTICAIS

1 — Há quem ande sem ela nem beira; antigamente havia estas, agora há os bairros da lata. 2 — Nota da Redacção; pedinchar. 3 — Estas árvores também são conhecidas como negrilhos; é o par dela. 4 — Sorteais; há a do passeio e o do museu. 5 — Estes são semelhantes; uma ponta do rabo; com estas não se sabe quem é. 6 — Acatá; 7 — Assim começa o abecedário; estas parecem focas. 8 — Se o fazes não tires depois; todas as casas têm um do chão; quando o

merceeiro o faz por vezes nunca mais recebe. 9 — Engordamos; no meio das praças. 10 — Aqui é a tal pedra do altar; esta é uma menina do Brasil; fazem-no os que se põem em fileira.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 29

HORIZONTALS: 1 — Multa, sêda. 2 — Concorde, as. 3 — Arg, moeda. 4 — Raia, usitou. 5 — Ad, ré, ceras. 6 — Carambola. 7 — Ampola, fá. 8 — Lei, aro, bar. 9 — Em, angulosa. 10 — Rica, I.N.T. 11 — Adamascadós.

VERTICAIS — Caracoleia. 2 — Morada, em. 3 — Ungl, RAI. 4 — Lc, aram, aim. 5 — Tom, empanca. 6 — Arou, borgas. 7 — Descolou. 8 — Sediela, lia. 9 — Atra, Bond. 10 — Dá, oa, fasto. 11 — Assustara.

FARMÁCIAS

Quinta — Farmácia Paiva — Rua 19 n.º 319 - Tel. 720250
Sexta — Farmácia Higiene — Rua 19 n.º 393 - Tel. 720320
Sábado — Grande Farmácia — Rua 62 n.º 457 - Tel. 720092
Domingo — Teixeira — Av. 8 Centro Comercial - Tel. 720352
Segunda — Farmácia Santos — Rua 19 n.º 263 - Tel. 720331
Terça — Farmácia Paiva — Rua 19 n.º 319 - Tel. 720250
Quarta — Farmácia Higiene — Rua 19 n.º 393 - Tel. 720320

PARA COMPRAR BOM CAFÉ

Casa ALVES RIBEIRO

Torrefactor de Café

ESTABELECIMENTO DE VENDA AO PÚBLICO

RUA 19 N.º 294 ESPINHO

Antenor Pereira

AGÊNCIA DE CONTRIBUINTES
CONTABILIDADE E CONTENCIOSO
MEDIADOR DE SEGUROS

Rua da Fonte - Silvalde — Tel. 723489 — ESPINHO

CAN - CAN II

BOITE PIANO BAR
DISCOTECA

O seu ponto de encontro
Bastante requinte para que se sinta bem, durante o seu Drink.
Aberto de 2.ª a 6.ª feira, das 21 às 02 horas
e às 6.ª feiras das 21 às 03 horas.

RUA 18 N.º 615 — TELEF. 723442 — E S P I N H O

MARÉ VIVA

SEMANÁRIO

Director: NUNO BARBOSA

Depósito Legal 2048/83

CHEFE DE REDACÇÃO — Jorge Lopo
REDACTORES — António Afonso, David Pontes, Idalina Pedrosa, João Barrosa, Manuel Fonseca e A. Moreira da Costa
REPORTAGEM FOTOGRAFICA — José Oliveira
COLABORADORES — Carlos P. Morais e Luís Costa
PAGINAÇÃO — Augusto Mota, João Barrosa e Manuel Fonseca
CORRESPONDENTES — Antero Monteiro (S. P. de Oleiros), Antenor Pereira (Silvalde), António Pinto (Moselos), Henrique Ribeiro (Fiães), Henrique Sil (Anta), Joaquim Devesas (S. Félix da Marinha) e Manuel Santos (Guetim)
Propriedade da Nascente — Coop. de Acção Cultural — Redacção: Rua 62. 251 - Telef. 721621
Composição e impressão: Tipografia Meneses — Cooperativa Gráfica de Espinho, S. C. R. L.
Rua 14 n.º 903 — Telef. 721016
Tiragem deste número: 2000 ex.

FONSECA

TECIDOS
MODAS

Rua 19 n.º 275 - Tel. 720413
ESPINHO

ORGANIZAÇÃO DO GEU

3.ª Semana Astronómica terminou no Domingo

Encerrou no domingo, 21, no Salão Nobre da Piscina de Espinho, a 3.ª Semana Astronómica organizada pelo Grupo de Estudo do Universo (GEU). No último dia lá estivemos e ficamos a saber que o GEU com esta realização ficou a lucrar, para além de tudo o resto que estas coisas sempre proporcionam, dois aparelhos telescópicos. Um foi comprado com todas as facilidades que estas colectividades necessitam para a aquisição de material e, um outro, oferecido por um visitante que ali se deslocou para adquirir um novo. Notícia é também o facto de para o ano não haver 4.ª Semana. Esta será unicamente em 85, a inaugurar uma periodicidade de dois em dois anos.

Esta semana astronómica organizada pelo GEU revestiu-se de dois aspectos distintos que no final os seus organizadores acentuaram o carácter positivo em relação a realizações anteriores. Quem o realça é o presidente desta associação, José Pardilhó, que começa por nos dizer que «o material exposto foi superior na qualidade, quantidade e origem do que em anos anteriores». De facto e isto quando à origem do material de referir a presença, e pela 1.ª vez em Portugal em realizações do género, de uma organização japonesa, a NASDA.

Mas como não poderia deixar de ser um dos objectivos deste certame era também uma aposta

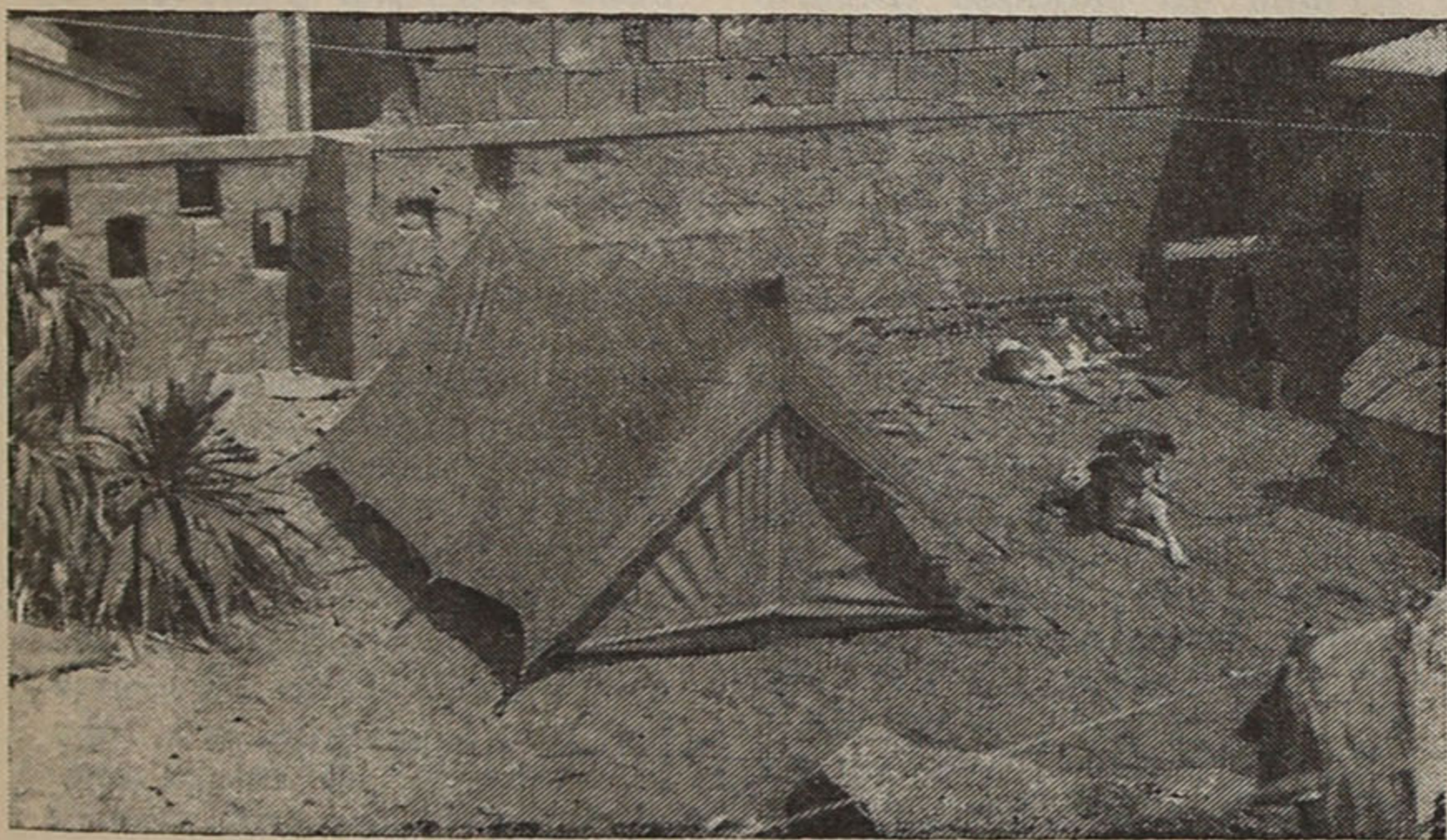
na sensibilização de mais pessoas para este tipo de fenómenos. E por isso a organização punha ao dispor de quem a visitava uma parte mas viva a contrabalançar o aspecto meramente documental da exposição que enchia a sala. Dela constava para além da projecção diária de filmes, o convite a entidades para virem falar sobre o seu conhecimento e a sua experiência e uma coisa que é sempre do agrado de quem, muitas vezes apenas por curiosidade, se desloca a este tipo de realizações; as observações telescópicas, que embora «não tenham sido na quantidade desejada, e é de novo José Pardilhó que nos fala, ultrapassaram as do

ano passado em quantidade e qualidade já que os aparelhos presentes eram melhores e a presença de um técnico na matéria muito para isso contribuiu».

A afluência do público também foi apreciável e, sobretudo interessada. Foram, segundo nos informaram, cerca de dois mil o número de pessoas que passaram pelo Salão Nobre da Piscina.

E para terminarmos esta nossa reportagem por esta Semana organizada pelo GEU, daremos uma espreitadela para o futuro. Podemos pois já informar todos os entusiastas por estas coisas que para o ano não haverá a edição número 4, passando estas realizações para a fórmula bienal. Isto, nas palavras do Presidente do GEU, ficar-se-á a dever a «neste campo, as hipóteses de variar serem poucas num país como o nosso». Mas como nem tudo se fica por aqui, de referir que esta também foi a oportunidade, que de outro modo só viria para o ano, de o Grupo de Estudos do Universo adquirir um telescópio no valor de 110 contos. Um outro, como já referimos, foi-lhes oferecido por um industrial do Porto que ali comprou um novo e ao que parece não poderia ter os dois em sua casa.

Férias em Espinho por 20\$00 diários !



Há muita gente a «armar barraca» por este país fora, ao longo de todo o ano. Contudo, é na época de Verão, do calor que este ano (ainda) não veio, que mais «barracas» se montam no verdejante solo de um «jardim» que à beira mar plantado se estende hoje até à Madeira (passe a coincidência).

Efectivamente, com o apertar da carteira que o «carrasco» da crise nos impõe, e com a «borla de escudos» que, de ano para ano, satisfaz cada vez mais os turistas «pé-descalço» (os tais de que o Nandim não gostava), a actividade campista vai conquistando muita gente, alguma da qual até há bem pouco tempo era capaz de preferir o conforto de uma cama de hotel «tristar».

Mas há ainda aqueles que também não vão para parques de campismo. E também não vão para pensões. Nem para hotéis. O Fernando, por exemplo.

Vindo de Braga até Espinho, preterindo assim a bonita praia da Apúlia, o Fernando não é amante de Parque: muita gente, exigências de silêncio, e outras coisas mais. Vai daí, vislumbrou um quintal de uma casa ali mesmo à beirinha da «Praia Azul». No quintal havia um cão, nada melhor para guardar a tenda. E havia também um tanque. Nada melhor para uma higiene de situação. 20 escudos diários ao dono do quintal, tanque e um cão de guarda, e eis que o Fernando descobriu a solução para não ter de ir nem para o Parque (porque não queria), nem para o Hotel ou uma Pensão (porque não podia). Ah! E não precisa de carta de campista!

FITAS

Na semana que se segue, o Cinema do Casino apresenta dois filmes de fundo, para além das sessões especiais da meia-noite de sexta e sábado, e da habitual matinée infantil de domingo. Vamos à apreciação dos filmes «de fundo»:

De 26 a 29/8 — OPÇÃO FINAL — M/ 12 anos

O tema do filme é o seguinte: sob a capa do pacifismo, uma organização esconde actividades terroristas. Promove e participa em marchas de protesto, concertos-comícios anti-nucleares, onde manipula os acontecimentos. Por fim, leva a cabo um sequestro que provoca a intervenção das SAS (espécie de GOE inglês).

Trata-se dum filme do género a que se convencionou chamar «de acção», repleto de cenas violentas, que, segundo a crítica da especialidade «faz, um tanto a apologia simplista da política americana de dissuasão por meio de ogivas nucleares e da excelência das tropas especiais». Resumindo e concluindo: se quiser ver, a responsabilidade é sua...

De 30 a 31/8 — FORTE APACHE, THE BRONX — NAM/ 18 anos

Contando no elenco com o nome de Paul Newman, esta película é uma espécie (mal acabada) de «Hill Street Blues». No fundo, trata-se de retratar o dia-a-dia de dois polícias de uma esquadra no Bronx em Nova Iorque. Um filme a esquecer.

ANUNCIE NO Maré Viva

ESTA CIDADE

UMA HISTÓRIA DE FORASTEIROS

Eles vieram numa daquelas camionetas que ostentam um pano à frente. Este dizia, «a boa gente do Montijo...». Era pois uma das muitas excursões que por aqui passam nesta altura do ano. O calendário tinha uma rodinha à volta do número 19, sexta-feira. E como no dia seguinte era sábado de fim-de-semana, e devido ao adiantado da hora, «a boa gente do Montijo...» estava numa de pernoitar por estas paragens. Mais não teve a fazer do que parar na Av. 8, mesmo junto às cancelas da 33. Uns simples guarda-sóis com uma data de panos à volta e aí está uma tenda.

Mas, se mesmo ficando-nos por aqui, o evento já era motivo de notícia mais se justificam estas linhas pelo que vem a seguir. Como se sabe toda a passagem de nível tem uma funcionária que, por ali residir, geralmente aproveita o terreno circundante para a criação de galinhas. E não é que de manhã quando os «campistas» já tinham abalado, se ouve a senhora das cancelas dizer para quem a quisesse ouvir que lhe faltavam galinhas. «A boa gente do Montijo...».

TURISTAS VÍTIMAS DE ROUBO

Trata-se de Petrus Joseph, de nacionalidade holandesa, e Fabienne Jeanne Françoise, de nacionalidade francesa. O primeiro ficou sem a sua mochila quando esta se encontrava junto à sua barraca na praia próxima do Rio Largo. O perigo de acampar em zonas não protegidas. Por outro lado a Fabienne, também na mesma praia mas um dia depois, ficou sem a sua máquina fotográfica e os seus documentos.

TRÊS FERIDOS LIGEIROS EM ACIDENTE EM ANTA

Foi no dia 12, na Estrada de Monte Lírio, quando uma viatura conduzida por Marta Estela de Oliveira Conceição Maganinho atropelou os peões Carlos Manuel Fernandes Russo e Américo Gonçalo Campos. No fim, receberam todos, incluindo a condutora do veículo, assistência no Hospital de Espinho por ferimentos ligeiros.

ARTESANATO EM EXPOSIÇÃO

Esteve patente ao público desta cidade, de 16 a 23 deste mês, uma «Exposição de Tapeçaria Artesanal» tipo de Arraiolos e tipo de Beiriz, num salão nos ângulos das ruas 11 e 8. Esta exposição foi organizada pelo Posto de Turismo de Espinho, e nela estiveram presentes os mais variados artesãos, estando Espinho representado com cesteria, bordados e peças regionais da Madeira.

Mesmo com neblinas matinais...

Sexta-feira, à noite, em Agosto. Apesar das neblinas matinais (que por cá têm permanecido, quantas vezes, até bem depois do sol se pôr...) é de bulício o ambiente estival no picadeiro, que já não existe. Alguns vasos, com uma placa de trânsito proibido entre a imponente guarda de honra, fazem (re)lembrar tempos idos, em que os únicos veículos circulantes na artéria não tinham motor nem tão pouco consumiam gasolina. Ateavam-se muitas fogueiras, é certo (quem não se lembra de pugilatos e outras desavenças logo após as primeiras horas de uma madrugada ainda menina?), mas o «combustível» que as alimentava era outro.

Recordo-me, na passada semana, daquele indivíduo, ar pacato, sentado na mesa do café, a consumir, calmamente, a sua água mineral. Pelo «picadeiro» (ainda vedado ao trânsito), aproximava-se um automóvel. Nervos em pé (que não o seu portador, já que permaneceu sentado), e o copo de água mineral extravasou para o interior do quatro rodas. Sem consequências, e tal como na tropa, meia volta eolveu.

Minutos após a cena repetiu-se. No lugar do automóvel, um motociclo. Em vez da água mineral, algo de substancialmente mais sólido — uma cadeira. Alvo falhado, aborrecimentos evitados.

Mas sexta-feira foi diferente. Os vasos e os círculos brancos contornados a vermelho, postados no meio da faixa de roda-

gem, avisavam da proibição. A busca de outros locais para o estacionamento dos carros e das «voitures» (a distinção pode ser feita pela matrícula ou pela percentagem de manobras perigosas), levou um condutor mais distraído a parar num local que, nem mais nem menos, impedia a circulação automóvel na artéria em causa, ou seja, a rua 6, entre as ruas 21 e 23. Esta porção de via municipal é agora de fundamental importância no escoamento dos carros estacionados na rua 21, abaixo da linha e junto do Aparthotel.

Foi então que pela segunda vez vi aproximar-se um jipe da polícia, que embora recorrendo a meios pouco mais que rudimentares, removeu daquele local o bonito «alfa-romeo» de cor encarnada. E foi vê-lo deslizar, rumo à esquadra mais próxima, aviso de outros que ainda não se adaptaram à ideia de ver a população de Espinho a triplicar no mês de Agosto. Mesmo com neblinas matinais.

CONFEITARIA DOCE BELO

do «Jaime»
ex-encarregado da SUIL
Secção de mercearia fina e Snack
De passagem, tome a sua «bica»
RUA 25 N.º 387
(entre as Ruas 16 e 18)

BISCATOS

O «13.º mês» de cada mês

«Biscato», segundo o dicionário da língua portuguesa, poderá ser, entre outras coisas, «o alimento que as aves trazem no bico para o ninho».

Claro que o assunto que aqui vamos abordar, nada tem a ver com a vida das avezinhas. No entanto, se de entre as várias definições de «BISCATO» transcrevemos precisamente aquela que, à partida, menos parece relacionar-se com os biscatos de que vos vamos falar, não foi concerteza, por se tratar da mais pomposa de todas elas. Na verdade, muito embora em sentido figurado, esta é a definição que, em nosso entender, melhor caracteriza a realidade dos biscatos e biscateiros, já que esta (a realidade dos biscatos) é mais do que «pequeno trabalho; coisa de pouca importância» ou «picuína» definições encontradas no referido dicionário.

Com efeito, são milhares, as pessoas que em Portugal vivem exclusivamente de biscatos, ou biscates, como se lhe queira chamar. Por outro lado, e segundo dados recolhidos, junto de pessoas que normalmente se dedicam a este tipo de trabalhos, esta é, muitas vezes, a única forma de se chegar ao fim da «etapas» que, de 1 a 30 de cada mês se tem de «percorrer e, cujo percurso, de há alguns anos a esta parte, se vem tornando cada vez mais penoso, dado o estado de deterioração do seu piso». Claro que as dificuldades não podem ser generalizadas. Pois, todos sabemos, que muitos são os que fazem o referido percurso por «via aérea»...

Por outro lado, e voltando um pouco atrás, as pessoas que recorrem aos biscateiros, fazem-no porque estes cobram preços muito inferiores aos praticados pelos empreiteiros, no caso da construção civil ou pelas oficinas, nos casos de automóveis,

electrodomésticos, etc. Com efeito, enquanto que um biscateiro cobra normalmente entre 120 e, va lá... 500 escudos por hora (no máximo), uma oficina ou uma empresa, ultrapassa sempre os mil escudos. Daí, o poder concluir-se que ambas as partes acabam por sair beneficiadas, no meio de tudo isto.

No entanto, a realidade é um pouco diferente. Dizia-nos uma das pessoas por nós contactada: «os biscatos, em termos de saúde, posso dizer, causaram-me prejuízos irreparáveis. Actualmente debato-me com enormes problemas na coluna, precisamente devido ao excessivo esforço muitas vezes dispendido. Trabalho aproximadamente há 8 anos esem pre fiz mais do que o horário normal» — disse. «Para além disso, estudo de noite, o que vem agravar ainda mais a situação. Aliás, não é a primeira vez que, devido ao desgaste físico e intelectual, sou «atacado» pelo sono, durante as aulas». A concluir diria, ainda «É claro que o meu vencimento dá-me para comer e vestir... Só que, gosto de ter as minhas «coisitas». Por outro lado, uma vez que estudo, tenho por vezes necessidade de pagar uma ou outra explicação, e, para isso, o ordenado só, não chega... Por isso, nas horas vagas (?), faço uma pinturas».

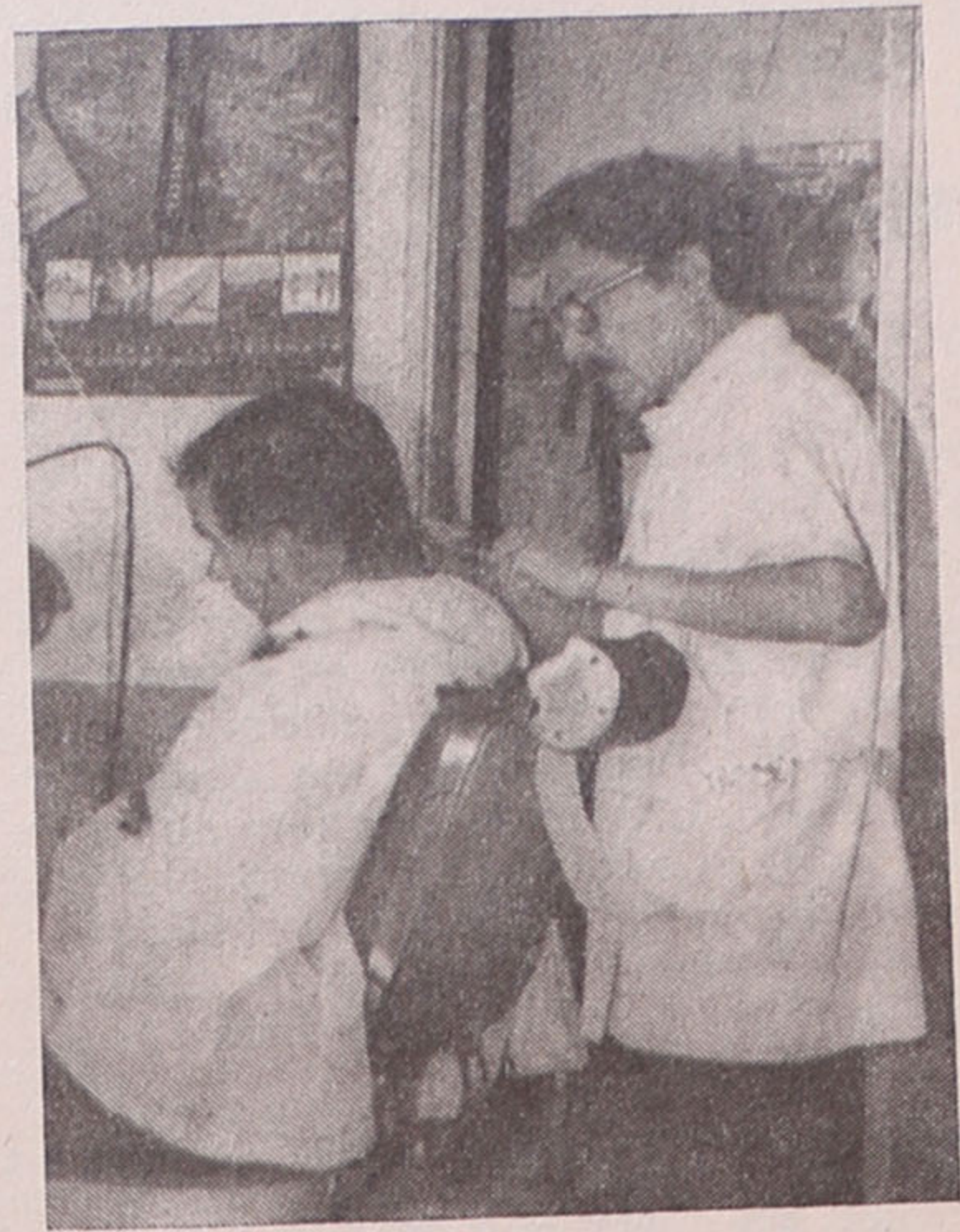
Mas, se de facto para este jovem os biscatos são, até certo ponto, dispensáveis, como se desprende das suas declarações, o mesmo não se poderá dizer em relação a outros para quem ter biscatos significa ter pão até ao fim de cada mês e, não ter significa... precisamente o contrário. E, lamentavelmente, não é muito difícil encontrar-se pessoas nesta situação. Bastará por vezes um olhar atento, para se descobrir muito do que nos rodeia. Por exemplo, o Manel

não tem pai nem mãe e vive com duas irmãs, uma das quais tem um filho. Ambas estão desempregadas. Este moço, trabalha numa empresa de artigos eléctricos e tem por vencimento base, vinte contos aproximadamente. «É evidente, que se não fosse aparecer uns televisores e uns rádios de vez enquanto para arranjar, não sei que voltas havia eu de dar à minha vida». Tratando-se, também, de um trabalhador/estudante, disse-nos ainda: «Quería concluir o Curso de Electricidade, mas cada vez, tudo isto se torna mais difícil de suportar!»

De facto, a vida para os biscateiros em part-time, não é nada aliciante, antes pelo contrário. Quanto, aos que vivem exclusivamente desse tipo de trabalho, o maior problema reside no facto de se viver na incerteza, já que, nem sempre há biscatos para fazer. Mas, «desde que haja trabalho, ganha-se razoavelmente melhor do que a trabalhar por conta de outrem, muito embora, por conta de outrem seja mais «certinho». De qualquer das formas, com a questão dos contratos a prazo, ao fim de meio ano, acabamos por ficar, normalmente no desemprego. Por isso, uma vez que tenha de correr riscos, prefiro correr-los por, minha conta...»

Aqui fica pois, registado, um pouco da realidade que nos cerca. Depois de tudo isto, não sei até que ponto se poderá ou deverá ainda, falar nos «benefícios» (?) dos biscatos, já que os seus «custos» são de facto, muito elevados. Que o digam todos os que, de um ou de outra forma, conhecem a realidade.

No fim de tudo isto, enquanto uns vão fazer contas aos impostos que o Estado deixa de cobrar sobre os rendimentos dos biscatos, outros perguntarão: para quando o direito ao lazer?...



R E T R A T O

Durante muitos anos, ele renegou o seu último apelido, não o dizendo a ninguém. Apenas e só o utilizava para assinar documentos onde o nome completo era imprescindível. Esse apelido, tão cuidadosamente escondido dos seus conviventes, era Oliveira; ele não o dizia a ninguém porque se sentia envergonhado de ser homónimo daquele que, durante mais de quarenta anos, foi locatário do Palácio de S. Bento.

Antes do patronímico Oliveira, existem dois nomes: Manuel Rodrigues. É barbeiro estabelecido na rua 18, entre as ruas 9 e 62. Quem não conhece o Rodrigues barbeiro, freguês irredutível das balizas dos adversários do Sporting de Espinho, nos jogos disputados no Avenida? Quem não conhece o Rodrigues, monitor de ginástica do Sporting de Espinho nos tempos do saudoso Silvério Vaz?

«Comecei a ganhar a vida aos sete anos, como serralheiro mecânico. Que saudades que tenho daquela profissão! É que eles não se queixam, a gente é que tem de dar com o mal!» Este foi o início da vida, vocação interrompida aos 15 anos devido ao facto de haver poucos automóveis na época («Eu julgava que era só em Espinho, mas acabei por chegar à conclusão de que era no País todo») e pelo facto de não querer prejudicar o seu patrão («Quería ir-me embora, porque estava a ganhar sem produzir. O patrão queria que eu ficasse, dizia que havia de vir melhores dias, mas eu sentia-me parasita, a ganhar sem trabalhar»).

Encerrado o capítulo mecânico, iniciou a nova fase da sua vida, empregando-se como auxiliar na Barbearia do Zé do Coreto, sita em local hoje ocupado pela Pensão Alcobaça. Ao fim de dois meses era já barbeiro, pois tinha grande facilidade em assimilar novas tarefas. Após uma primeira tentativa feita para mudar de ares, gorada pela oferta de cama, mesa e roupa lavada feita pelo patrão, acabou por sair. «Estive na Barbearia Avenida, do Zé da Mata, no Silva, etc. Em 1943 tomei de trespasse esta barbearia onde estou hoje, sendo no princípio ficado um pouco pior do que estava quando era

empregado dos outros». Mas como diz o povo, não há mal que sempre dure, e a coisa compôs-se, embora, no dizer do sr. Rodrigues, «só dá para viver e mais nada. Nem sequer dá para comprar uma bicicleta».

Mas, o Rodrigues barbeiro não é só um émulo de Fígaro. Ele integrou uma equipa que deu brado, não só em Espinho, como também nos arredores. Ele foi monitor de ginástica do Sporting de Espinho, pertencendo a uma Secção que foi fundada por esse grande homem do Desporto Espinhense que foi Silvério Vaz.

«O sr. Silvério Vaz, que foi um homem extraordinário para Espinho em geral e para o Sporting em particular, criou uma Secção de Ginástica no Clube, que em princípio funcionava para adultos. Mas como isto de levantar cedo para fazer ginástica não é lá muito do agrado dos adultos, ele resolveu, em boa hora transformá-la em Secção de Ginástica para jovens. Ele era professor e o Manuel Fernandes da Silva, eu e outro rapaz os monitores. Fez-se um trabalho muito válido e dessa escola saíram rapazes como o Angelo que foi um grande jogador de futebol de Espinho, o Artur Sebastião, o Cântara, e muitos outros».

Quem vai à bola, ao domingo, está farto de conhecer um fotógrafo, que, obstinadamente, se coloca atrás da baliza para onde remata o Espinho. Esse fotógrafo, muitas vezes solitário (F.C. Porto, Benfica, Sporting) é o Rodrigues Barbeiro. Há muita gente que diz que ele dá «galo» (fora bruxo! sai daí azarento!) mas ele não se importa. Repórter fotográfico do Jornal de Notícias gosta particularmente deste seu serviço, pois lhe proporciona um convívio na sede do Jornal que é para si insubstituível. «Vou para trás da baliza dos outros porque ninguém me convence de que o Espinho não ganha ou pelo menos não me um golo. Quando chego ao jornal logo me dizem: trazes aí o golo do Espinho!»

Homem calado por natureza, gostando de evocar o seu passado, mas só para amigos, só vai deixar de ir ao futebol quando morrer e até lá ainda conta fazer muitas barbas e cortar muitos cabelos...

S. PAIO DE OLEIROS

Estão a decorrer nesta freguesia, desde o dia 20 do corrente, as tradicionais festas de N.º S.ª da Saúde e Santo António, iniciadas por concertos a cargo das Bandas Musicais de Revelhe — Fafe e de Pevidém. Também a Banda Musical União Paramense abrilhantou parte da manhã de domingo, até à hora da missa solene, a que se seguiu a habitual procissão.

Ranchos folclóricos e um programa de variedades preencheram a tarde e a noite desse mesmo domingo, sendo depois a segunda-feira ocupada com música para dançar e uma serenata de Coimbra.

O programa desportivo decorreu na terça-feira com provas de atletismo e corridas de cavalos e prosseguirá no próximo sábado, a partir das 15 horas, com os normalmente muito concorridos circuitos ciclistas para federados.

J. GUEDES DA SILVA EXPÔE NA CASA DA CULTURA

Inserida nas mesmas festividades, está a realizar-se na Casa da Cultura uma exposição de pintura de J. Guedes da Silva, professor do Ensino Téc-

FESTAS E CULTURA

nico que exerceu a sua actividade sobretudo em Angola e que reside actualmente nesta freguesia, no lugar do Pego.

Trata-se da sua primeira exposição individual, quase uma centena de trabalhos, com predominância de óleos e uma temática muito diversificada, como, por exemplo, paisagens, sobretudo africanas, naturezas mortas, retratos e outras figuras humanas, algumas delas históricas.

J. Guedes da Silva expôs já, contudo, por quatro vezes colectivamente, em Sá da Bandeira, tendo obtido três primeiros prémios.

Esta realização, tal como aconteceu no ano transacto, está

a merecer a afluência de inúmeros visitantes, prevendo-se que muitos mais acorrerão ainda até ao dia 27 de Agosto, data do encerramento da exposição e das festas da localidade.

A MODELAR

Telefone 723068



Rua 16 — Merc. Municipal 4500 ESPINHO

Aviamento rápido de receitas de óculos com descontos das Caixas de Previdência

CAFÉ e RESTAURANTE COPÉLIA

Almoços e Jantares Serviço à lista Especializado em Casamentos e Baptizados Grande Variedade de Petiscos R. 23 n.º 808 - Tel. 723152 ESPINHO

ALFAIATARIA MANO

José Ricardo Mano

Executa com perfeição todo o serviço para homem, senhora e criança

Rua 30 n.º 731 — ESPINHO Telef. 721823

**reunião
da
câmara**

**Subsídios
« em despacho »...**

A já habitual Reunião da Câmara retoma o seu lugar nas páginas do nosso jornal, restabelecendo assim a rotina de a «contar» todas as semanas. Desta vez, estamos perante mais uma sessão pública, sexta-feira 20, que, como repetidamente aqui temos referido, carece mais uma vez de dinamismo e, não poucas vezes, maior conhecimento de causa, por parte de alguns vereadores, na discussão dos assuntos que se vão sucedendo.

**CINANIMA — UM DOS
CONTEMPLADOS DESTA
SESSÃO**

Como já é apanágio destas sessões públicas, o período inicial, que poderemos designar por 1.ª parte, é consignado à discussão do volume (quantas vezes enormes) que o Engenheiro da Repartição Técnica consigo faz transportar quando vem para as reuniões. Mas mau grado o desgosto de quem ali está por dever do officio (como é o nosso caso), diga-se em abono da verdade que esta é a faceta da Reunião Camarária que ainda consegue levar algum público ao Salão dos Paços do Concelho.

Seguiu-se depois aquela que será talvez a parte acompanhada com mais atenção, na procura de aqui vos trazer alguma novidade. Foram várias as propostas que o Presidente passou a ler e, à excepção de uma delas, iam todas no sentido da concessão de subsídios para organizações levadas a cabo por colectividades do Concelho. A excepção ficaria no entanto pela proposta, apresentada por Casal Ribeiro da APU, que preconizava a abertura de um concurso pú-

blico para o lugar de 2.ª oficiais. No respeitante a subsídios temos que o Centro Hípico do Aeroclube seria contemplado com 75 contos para apoio do seu Concurso Hípico, já realizado no domingo. O Clube Académico de Espinho receberia, por outro lado, a verba de 80 mil escudos pela organização da sua Volta a Portugal em miniatura. O Cinanima, organizado pela Cooperativa Nascente, viria a ser destinatário de um subsídio de 530 contos para a festa do Cinema Animado que irá ter lugar nesta cidade, no próximo mês de Novembro. Acrescente-se que desta verba, será descontado o montante de 150 contos que teriam sido adiantados pela edilidade em data anterior para despesas correntes daquela organização. Outro facto a referir aqui, ainda relacionado com esta questão, será sem dúvida a particularidade de a Câmara, duma maneira geral, conceder os subsídios às colectividades (excepção feita neste caso ao Cinanima) depois de terem sido levadas a cabo as realizações a que ele se destina. Estão neste caso os anteriores e disso mesmo se queixou o GEU, organizador da 3.ª Semana Astronómica, em carta enviada, onde solicitava o pagamento urgente do subsídio já concedido.

**CÂMARA — «TOMA
CONHECIMENTO» DAS
RECOMENDAÇÕES DA
ASSEMBLEIA MUNICIPAL**

A parte polémica desta sessão viria no entanto, quando se começou por fazer referência a uma audiência concedida por alguns vereadores a elementos

da Administração da Solverde. Na origem de tal audiência esteve o pedido daquela empresa, para colocação de um busto do seu maior accionista, Manuel Violas, nas imediações do Apart-hotel. Artur Bártolo começaria por dizer que por parte dos vereadores presentes à audiência não teria sido posta qualquer objecção à sua instalação. Face a estas palavras, o vereador da APU, protestaria dizendo que aquela deveria ser uma decisão colectiva do executivo, lamentando por outro lado, «que já se tivesse tomado uma posição». Carvalho e Sá reagiria, dizendo que não tinha tomado qualquer posição, pois, «gostaria de ser melhor esclarecido sobre o local da instalação» do referido busto. Rolando Sousa diria ainda que «não havia qualquer decisão, pois o que ficou combinado foi que os senhores apresentariam um estudo sobre a localização». A discussão ficaria por aqui com o parecer da maior parte dos vereadores de que, instalar em lugar público é uma coisa e em lugar privado outra bem diferente. A este respeito o Chefe da Secretaria diria que o lugar inicialmente apontado era, ainda neste momento, privado.

Um outro assunto que esteve presente nesta sessão, foi a leitura das várias recomendações resultantes do debate do plano de Actividades para 1983, na Assembleia Municipal. A este respeito, limitar-nos-emos a reproduzir o que se passou na reunião: «a Câmara tomou conhecimento».

Face a isto esperemos que o esforço empreendido pelos membros da A.M., em mais de 24 horas de debates dos quais resultariam estas recomendações, não tenha sido em vão.

CINANIMA 83

O CARTAZ



O cartaz que anuncia a 7.ª edição do CINANIMA é uma vez mais da autoria do professor João Machado, da Escola Superior de Belas Artes do Porto.

A colaboração desinteressada deste escultor é importante cartazista com o CINANIMA e a Coop. Nascente, suscita todos os anos a expectativa de saber se «este ano o cartaz consegue ser ainda mais bonito que o do ano passado». É que de facto o resultado final do trabalho de João Machado é sempre um prazer para os olhos. Por certo que algum do prestígio internacional que o festival foi conquistando se deve também à qualidade das suas publicações, assinadas por esse amigo que é o prof. João Machado.

A propósito deste artista plástico diz Arnaldo Saraiva que a obra de João Machado é «um acontecimento na história do cartaz português» (...) «Longe de contribuir para a poluição visual das nossas cidades e aldeias, de que os ecólogos não falam, mas que nos ameaça tanto como a outra, João Machado trabalha e dá um estimável contributo para que elas se tornem (mais) habitáveis».

E enquanto não aparece pelas montras da nossa cidade a querer dizer que o CINANIMA já vem perto, aqui fica mais uma vez a imagem aproximada (porque o jornal não retrata a cor) do cartaz do CINANIMA 83.

Nós e o Leitor

Espinho - Terra de milionários?

Da nossa leitora abaixo identificada, recebemos a carta que passamos a publicar na íntegra:

Se é com o suor que se ganha o pão de cada dia, se é com o suor que se sobe na vida, então Espinho será, de futuro, terra de milionários.

E se bem vírmos as coisas, concluiremos que em cada Verão há hipóteses de se enriquecer facilmente, pois que com o calor e com os constantes e desprevenidos cortes de água, toda a gente transpira e cheira mal e porcamente. Por esta ordem de ideias, sua-se com o trabalho, sua-se com o calor e sua-se de nervoso quando se quer tomar banho e as torneiras fazem grevel!

Isto acontece frequentemente e quando menos se espera. Não que eu tenha alguma coisa contra a poupança da água e a necessidade de se efectuarem os cortes, mas porque não é justo nem humano isto ser feito desta maneira. Porque será que em outras localidades a popu-

lação é avisada das horas e dias em que serão feitos os cortes de água e em Espinho isto não se verifica? Se bem vírmos concluiremos que os gastos acabam por ser bastante mais elevados, uma vez que, a título preventivo, se enchem banheiras, baldes, bacias, etc., água esta que se acaba por desperdiçar para ser renovada logo que os depósitos começam a encher. Por outro lado — e isto sucede frequentemente — as torneiras, às vezes, ficam abertas e provocam inundações e, por consequência, maiores gastos.

Mas — e bem analisado tudo isto — haverá assim tanta necessidade de poupança de água? Não foi já dito que as barragens estavam cheias? Não foi já citado neste jornal que Espinho este ano não sofreu cortes de água? Então porquê tudo isto? A população anda indignada e com razão mais que suficiente, não acham?

LA-SALETE

A Concharinha

LINGERIE

Miudezas — Malhas à mão e à máquina

Rua 18 (Mercado Municipal) n.º 730
Telef. 722206 — ESPINHO

Vieira da Cruz

MÉDICO

CLÍNICA GERAL

Consultório:

Rua 31 n.º 321 - Tel. 724401
4500 ESPINHO

**Milton Pinho
Glória Rodrigues**

SOLICITADORES

RUA 28 N.º 583 - R/C
TELEF. 720584

**Manuel Correia
da Silva**

ADVOGADO

Praça General Humberto Delgado, 287-4.º
Sala 46

Telefs. 23457 - 7641745
4000 PORTO

Lustres em cristal, de esmerada confecção e toda a gama de apliques / candeeiros, etc. (Preços de fábrica, 40% menos que nas lojas da especialidade) construímos e restauramos

Salão de Exposição e venda ao público na:

Fábrica Domingues & Martins, Lda.

com sede na Rua 1 — As escolas do Engenho
Telef. 53573(044) — MARINHA GRANDE

Damos garantia dos modelos por nós produzidos
Contacte-nos todos os dias úteis, incluindo sábados e domingos, para onde deverão marcar dia e hora a que deverá ser atendido.

Brinde surpresa especialmente para noivos.

Descontos especiais para construtores e empreiteiros.

DR. MIRANDA VALENTE

"Sou bairrista, sem fanatismos!"

continuação da última página

Madeira, na altura só frequentada por ingleses. Depois fui ao Algarve quando ainda lá só havia dois hotéis: um paraíso inexplorado. Como dizia o Torga «Portugal é um jardim com muitos canteiros». As viagens que tenho organizado têm um duplo fito, recreativo e cultural, pois viajar é uma forma de adquirir conhecimentos.

A todos os sítios onde vamos procuramos sempre enaltecer o nome de Espinho, desde o Rio até Macau. Na viagem que fizemos à América do Sul levamos quatro artistas espinhenses, o Mário Neves, a Delmary Neves e as cantoras Alice Miraval e Manuela Bigail. Na viagem que fizemos recentemente ao Extremo Oriente fomos brindados com um sarau cultural no 10 de Junho que passamos em Macau junto à gruta do Camões e, aí, pedi a um grupo de senhoras espinhenses que interpretassem algumas das canções de Carlos Morais e Fausto Neves, para divulgação de Espinho.

MV — Como vê a geração do seu Pai, no contexto de Espinho?

AJMV — É um assunto que me é particularmente caro, pois o meu pai foi uma pessoa que me marcou profundamente, devendo-lhe toda a minha cultura geral. Nos meus exa-

mes do 5.º ano do liceu cheguei a citar frases que muitas vezes ouvira a meu Pai, de livros que nunca tinha lido. Ele deu-me todo o seu conhecimento da sua vivência espinhense e muito da minha cultura geral, proveniente da sua vasta biblioteca. Devo-lhe também a minha filosofia de vida e algum do seu fino humor, unanimemente reconhecido em Espinho. A geração espinhense a que ele pertenceu, juntamente com o Alberto Barbosa, o Joaquim Moreira da Costa, o Fausto Neves e muitos outros, liderados pelo Dr. José Salvador, foi uma geração que viveu Espinho com um amor acrisolado, que deu a Espinho a sua forma actual, desde a cultura desportiva, até ao teatro, com a célebre peça «De pêta e bêta» que foi uma peça verdadeiramente revolucionária, sob todos os pontos de vista.

Pode dizer-se que foram uma «Inclita geração» de espinhenses que jamais teve paralelo.

MV — Como encara as perspectivas de futuro para Espinho?

AJMV — Já tenho no corpo algumas mazelas, mas se conseguir viver a minha última década, espero poder contribuir com a minha modesta experiência para o bem da mi-

nha terra. Apaixona-me o problema da habitação e acho que com a minha participação na «moradia de Espinho» contribuí para o arranque de uma nova fase do urbanismo em Espinho.

Gostaria de aproveitar a minha última década para dar a Espinho alguma da minha experiência profissional, fundamentalmente no campo da Saúde Pública.

Tenho na minha vida uma última ambição que é a criação de uma Clínica Geriátrica, que creio virá beneficiar muito Espinho e toda a região.

Não existe no nosso País uma estrutura sanitária de apoio ao idoso; o meu slogan é «Ser feliz até aos cem anos». O idoso é uma fonte viva de saber e cultura, um grande capital acumulado. Acho que será um projecto altamente benéfico para Espinho e para a região no seu conjunto.

Para lá do seu lado oficial de zelador pela Saúde da Colectividade, o Dr. Miranda Valente é um Homem que se interessa profundamente pelas questões da cultura e do saber, pelo intercâmbio de experiências entre os Povos do mundo e também e fundamentalmente um espinhense indefectível. Como diziam os antigos, a sua vida começa e acaba onde começa e acaba Espinho...

Junta de Freguesia de Silvalde

AVISO

Para os devidos efeitos se torna público que, de harmonia com a deliberação tomada por esta Junta de Freguesia em reunião ordinária realizada no dia trinta de Julho do corrente ano, se encontra aberto concurso público, pelo prazo de vinte dias a contar do dia imediato ao da publicação deste aviso no Diário da República, para adjudicação da empreitada da obra de pavimentação da Rua de Guilherme, em Silvalde, concelho de Espinho.

Base de licitação 2.583.600\$00
Caução provisória 65.000\$00

Pavimentação da Rua do Covelo, em Silvalde, concelho de

Espinho.

Base de licitação 1.108.800\$00
Caução provisória 28.000\$00

A abertura das propostas terá lugar na primeira reunião ordinária que se realize após a data do encerramento do concurso. Os cadernos de encargos, programas do concurso e projectos respectivos estão patentes na Junta de Freguesia, às terças e sextas-feiras das 18,30 às 20 horas.

Junta de Freguesia de Silvalde, 16 de Agosto de 1983.

O Presidente da Junta,
Manuel Rodrigues de Oliveira

António da Silva Miguel

Fábrica de peças em Poliéster — Revestimentos em Carrinhas, etc.

Estrada de Gavião - Esmojães - Anta — Tel. 720559
4500 ESPINHO

Auto-Branco

DE
ARMANDO M. V BRANCO

Oficina de Reparações de Automóveis — COMPRA E VENDA
Representante: Pneus CAMAC, Baterias, Peças, etc.
Pronto Socorro Permanente

Instalações:
Estrada de Anta — Telef. 723394 — 4500 ESPINHO

Casa Romeu

FILIPE RODRIGUES VITÓ & FILHOS, LIMITADA

Oculista Vitó

2 CASAS ONDE O BOM GOSTO IMPERA

R. 19 n.º 299 e 242 - Tels. 721433/723056 - ESPINHO

Café
Grill
Snak - Bar

GREICE

Rua 62 n.º 730 — ESPINHO

Visite-nos e será n/ Cliente

SUPERMERCADO DO LAR DO PICOTO

Informa os seus estimados clientes que já possui as novas colecções de PAPEIS DE PAREDE, ALCATIFAS E LUSTRES para 1982/1983.

ORÇAMENTOS GRÁTIS

SEDE: Est. Nacional 1 Telef. 7643575 — PICOTO

FILIAL: Rua 62 N.º 227/231 Telef. 722986 — ESPINHO

Snack-Bar Katkero

António Carlos Brittes Marques

Especialidades: Moelas, Papas, Frango caril.
Grande variedade de petiscos

Sala para: Casamentos, Baptizados, Comunhões e Reuniões

Rua 15 n.º 270 — Telef. 723168 — ESPINHO

Deixe que o seu bom gosto
a leve à CONFEITARIA



BREVEMENTE NAS RUAS 23 E 16

Não vai ser mais uma Confeitaria
já é a «Pá Velha»

TEL. 722514 — ESPINHO

FIM DE MÊS

maré viva

N.º 6
AGOSTO 1983

São parte do nosso Património Cultural

REDEIROS MANUAIS NO CONCELHO DE ESPINHO

O levantamento cultural e etnográfico da região de Espinho é coisa ainda por fazer e, por aquilo que nos é dado ver, fora do alcance dos interesses das autoridades locais. Contudo, pessoas há que nesse sentido

têm dedicado os seus esforços e algo vai aparecendo. É o caso das linhas que se vão seguir, sobre o fabrico artesanal de redes no concelho de Espinho. Cabe-nos pois aqui dizer que este trabalho está englobado no

plano de actividades da Coordenação Concelhia de Espinho da Direcção Geral da Educação de Adultos, e foi realizado pela professora Maria do Céu, destacada no Curso de S. Pedro.

Ligada às origens de Espinho está a vida da sua gente; ao mar deve Espinho o princípio da sua vida, na labuta incessante do dia-a-dia da sua gente, gente vareira.

A faina tão arriscada no mar tem como base a coragem e um moroso trabalho de terra no fabrico das redes destes homens tão simples e valentes.

Assim vão durante os chuvosos e frios dias do Inverno, em que as marés e o tempo permitem a abordagem ao mar, fabricando as suas — AGU LHAS DE ATAR — utilizando madeira fina mas resistente e um simples canivete bem cortante. Ao cabo de uma ou duas horas de destreza manual, obtém este primordial utensílio, para que possam fazer o que lhe é tão útil. Estas agulhas podem ter cerca de 25 cm, as maiores que utilizam para a malha mais graúda e mais ou menos 12 cm as menores para a malha mais miúda. Hoje já se encontram no mercado agulhas de atar, de fabrico industrial em alumínio ou plástico.

Ainda hoje os pescadores se servem das mãos para fazer as suas redes, sendo bem possível que, com o tempo, isto possa vir a desaparecer uma vez que já se encontram à venda no mercado, produzidas por fábricas.

Com fio de sediel (jarda), nylon ou algodão (usado antigamente, hoje já não tanto porque se estraga depressa) e as ditas agulhas de atar, cortiças e chumbos os pescadores põem mãos ao trabalho.

REDES DE ARRASTO

São utilizadas pelas Companhas na pesca tradicional de arrasto e feitas na sua maioria em nylon ou sediel. Três re-

deiros demorariam aproximadamente um mês a fazer 500 m desta rede o que iria custar, hoje, à volta de oitocentos contos. Esta rede tem vários tipos de malha; começa na do fundo do saco, mais miúda, a espaços mais ou menos certos e vai aumentando o tamanho da malha em direcção aos «cações» ou «braços» formando assim a mais graúda.

Utiliza-se essencialmente para a pesca da sardinha, mas como diz o pescador — «Tudo o que vier à rede é peixe». O saco que é a parte de malha mais fina, fica ao meio da rede. Assim, se for uma rede de 500 m, será de 250 o tamanho dos braços. A medida utilizada para fazerem a rede pode ser de oito metros e separação da malha. Quando o braço parte para largar a rede, o saco vai ao bico da ré, alongando-se sobre a corda; as mangas vão no interior do barco. Ao entrar no mar o barco deixa em terra uma parte do cabo — o reçoieiro e a rede só é lançada quando o barco está a cinco ou seis metros da costa. A este local dão o nome de largadouro. Depois de lançarem a rede, voltam a terra, trazendo o cabo de mão da barca. Ambos os cabos são engatados nas cordas e puxados pelos bois — os tremelhos. Enquanto os bois puxam a rede, um pescador, «o callador» dispõe a corda novamente em rodos. Isto tudo demorará cerca de duas horas.

Nos tempos de grande pesca, para que o saco não reventasse com o peso do peixe, era-lhe posto um outro, ao chegar à praia — a funda.

Quando o lanço chega à praia, o peixe é retirado com rapichéis ou rebanhos, espécie de sacos onde os pescadores penduram

um bordão transportando-os para o local de venda, também na praia. No tempo de grandes pescarias faziam-se grandes montes de rapichéis: as lotas; hoje são pequenas e chamam-se macolas.

Os pescadores que fazem e consertam as redes são os redeiros e auxiliares de redeiros; normalmente são os mais antigos, mas todos ajudam.

MANGUEIRAS

É uma rede de pequenas dimensões que só é colocada e levantada em altura de maré vazante. Esta rede tem nas orlas um fio — tralha — que segura em cima as cortiças para que a rede bóie e em baixo o chumbo para que pese e se mantenha aberta. Normalmente é quase dupla, tem uma rede junto de uma primeira que funciona como forro e é de malha mais graúda que a anterior, para que o peixe não possa escapar nem «magoar» demasiado. As estacas que se espetam na areia seguram com um fio, que dá mais folga à orla superior (cortiça) e menos à inferior, a rede poderá encher de peixe durante o seu encher: robalo, sável e solha.

Um só homem demoraria a fazer uma mangueira de 120 m, cerca de uma semana, o que importaria, em material, cerca de mil escudos.

MUGIGANGA

Rede de cerca de cem metros feita de nylon usada para a pesca do camarão e do caranguejo, marmota, faneca e azevias.

A rede é lançada e recolhida ao mesmo tempo dentro do mar.

«PEÇOS» OU «CAÇAS»

São redes só utilizadas na pesca da sardinha e do carapau, feitas em malha não muito graúda e lançadas ao mar no lugar certo — as poitadas — ao alvorecer e ao anoitecer pelo mesmo processo das de arrasto.

TRUMALHOS

São redes de malha não muito larga levadas pelas barcas e largadas ao largo da costa. Fixadas por âncoras e nas unhas dos ferros, levam uns ainetos — bóias que assinalam aos pescadores, que só as irão buscar passadas vinte e quatro horas, a sua localização. São feitas em nylon e de malha média.

Todas as redes de nylon ou algodão depois de prontas vão ser «encaseadas» isto é:

— sobre uma fogueira aquece-se água num grande caldeirão, onde previamente se meteu «casca» (produto que se com-

pra embrulhado em linagem) presa num rapichel bem atado, e um pó, que vão dar às redes, cozidas nesta água em «maseiras», uma tonalidade acastanhada. Esta operação tem dois fins: um, é a conservação das redes, outro, é fazer sombra ao peixe na água. Depois de bem demolidas são postas a secar na praia.

Actualmente são mais ou menos trinta homens do mar, profissionais ou só amadores, que habitam na zona da Marinha e que se dedicam a fazer as suas próprias redes ou as dos amigos; muitos mais as saberão fazer, mas vão perdendo o interesse, cansados que estão da vida do mar. E na lista dos mais antigos homens do mar, podemos encontrar: o Tio Manel, o Ti Afonso, o Zé Nucha, o Zé Diabo, o Carlos da Guerra, o Domingos-Água Chia...

Não deixemos que se perca com o passar dos tempos tanta sabedoria e arte...

E se caísse uma bomba nuclear em Espinho?

(vire a página)

livraria

LIVRÁLIA

papelaria

Agente do TOTOBOLA

RUA 23 N.º 211

4500 ESPINHO

TELEF. 720513



"NUCLEAR? NÃO, OBRIGADO!"

O QUE ACONTECERIA...

Se em Espinho caísse uma bomba nuclear?

Naquele mesmo instante o mundo converteu-se num imenso clarão violeta ante os olhos de Bob Caron. Involuntariamente cerrou as pálpebras atrás dos óculos. «Devo ter ficado cego», pensou este ocupante do «Enola Gay». Um momento antes, quando olhara para o sol através dos seus óculos, só tinha visto uma débil luz.

A explosão que acabava de observar convertera-se, num tempo tão breve que não se podia cronometrar, numa bola de fogo de mais de 150 metros de diâmetro, cuja temperatura, no centro, se elevava a 55 milhões de graus centígrados.

Hiroshima deixara de existir. Neste dia 6 de Agosto de 1945 iniciava-se a era atómica. Mas mais do que isso, entrava-se no recurso a armas não-convencionais, de efeito destrutivo avassalador.

Hoje, vem-se falando da bomba de neutrões, mas também, e sobretudo, dos mísseis equipados com ogivas nucleares. Fala-se mesmo de guerra interplanetária, de luta orbital. Já não basta a destruição da Terra.

Vive-se num clima de receio. Enquanto se multiplicam os conflitos por todos os pontos do globo (Líbano, Chade, América Central), está cada vez mais perto dos nossos espíritos a ideia de uma guerra «arrasadora» (continentes). As iniciativas a favor da paz multiplicam-se pelo mundo inteiro. Na passada dos «Grünen» (os Verdes) da R.F.A., também em Portugal o problema ganha relevo. Ainda há bem pouco tempo mais de 4000 jovens cantaram com Lennon e «deram uma oportunidade à paz». Contudo, e independentemente das soluções que cada uma defenda para se alcançar a paz (há quem seja objectivo de consciência porque é assim que se faz a paz; há quem tenha vontade de ir à

tropa porque a existência de pessoas com este ideal no seio das forças armadas é uma forma de consolidar a independência nacional e de fazer portanto a paz; há quem afirme, como um jovem da Nicarágua que esteve no Carvalhal, que a paz da América Latina é a luta de guerrilha contra o agressor imperialista), temos de concordar que a sua defesa ou violação passa pelos órgãos do poder, pelos governos, pelas forças dirigentes.

O perigo da guerra nuclear bate também à porta do nosso país. A instalação de mísseis em território nacional faz avivar este perigo. Por isso vamos hoje mostrar-lhe este perigo. *O que aconteceria se fosse lançada sobre Espinho, junto à Câmara Municipal e explodindo à altura do solo, uma bomba nuclear de 2 megatoneladas?*

EM ESPINHO PODE SER ASSIM

Abrir-se-ia uma cratera no ponto da explosão com cerca de 750 metros de diâmetro e 250-300 metros de profundidade. Uma grande parte das dezenas de milhar de toneladas de terra levantada tornar-se-ia radioactiva. Esta zona seria o centro de uma bola de fogo com uma temperatura de milhares de graus centígrados, capaz de fundir metais e vidros, que se estenderia para lá do Souto de Anta, da Igreja de Guetim, da Fábrica da Corfi ou do Bairro Piscatório.

No interior de uma área circular com 6 km de diâmetro haveria imediata destruição total de pessoas e bens.

Num raio de 5 km, portanto numa área delimitada por Esmoriz, Nogueira da Regedoura e Praia da Aguda, também morreriam todos os habitantes, ficando alguns edifícios de pé,

isto é, morte imediata de todas as pessoas numa área de 30 km². No interior deste círculo haveria ventos com velocidades de 300 a 500 km/hora.

DEZ SEGUNDOS... PARA ABRASAR QUILÓMETROS!

Em dez segundos a bola de fogo que entretanto se estendeu e ganhou altura abrazia tudo abaixo dela. Numa área com cerca de 14 km de raio, que vai sensivelmente até perto de Ovar, Fiães e Valadares, todas as pessoas não abrangidas sofreriam queimaduras graves de 3.º grau, mortais para a maioria das vítimas (até pela impossibilidade humana e material de tratar as vítimas que sobrevivessem durante algum tempo). Os materiais inflamáveis provocariam incêndios por toda a parte, propagando-se numa tempestade de fogo que tornaria inúteis eventuais refúgios, pois o oxigénio seria consumido pelo fogo, os fumos tóxicos asfixiarão as pessoas que estivessem abrangidas... e o enorme calor levaria o solo a temperaturas que transformariam os abrigos em fornos crematórios.

Num distância até 20 km do local da explosão (Porto, Ovar, Caldas de S. Jorge), os habitantes ficariam expostos a radiações de efeitos letais e subletais a curto e médio prazo e as nuvens de precipitações radioactivas iniciariam a sua marcha mortífera, seguindo a direcção do vento.

E depois? Tal como refere o grupo de jovens de Coimbra que elaborou um estudo semelhante para a sua zona, «OS SOBREVIVENTES INVEJARIAM OS MORTOS».

Por isso dizemos: NUCLEAR? NÃO, OBRIGADO...

Política de Chinelos

(6)

HABILIDADES PARLAMENTARES

Enquanto estirava o físico num leito da capital, o homem das conservas ponderava a situação. A Câmara Baixa, os bacharéis, os afilhados dos Ministros, os candidatos a secretário de qualquer delegação ministerial, estavam bem disciplinados. As ordens dos chefes partidários, os votos choeram, imacientemente, a favor da criação do concelho. Mesmo os líderes da oposição, não encontraram armas para combater uma ceia bem regada, oferta do pantaguelico marquês. Faltava o consentimento da Câmara Alta. Que volta a ser unânime, não fosse o tal visconde das lunetas e da gaguez hereditária. Não é que o homem teimava em defender a praia vizinha, minúscula e repleta de casarões, paupérrima e inchada de pedantismo?

Um voto contra não atrapalhava, mas seria muito mais «chic» que o despacho fosse apoiado por concludente unanimidade. Não era um qualquer visconde, armado em fera, que lhe ia estragar os planos.

Enquanto um bispo gritava contra a degradação dos mais altos ideais, o visconde rememorava a declaração de voto. A terreola cairia de rastos, a capacidade dos deputados seria enterrada no lamaçal da ignorância, a dignidade do sua eminência que não parava com as degradações dos Governo ameaçada de tombar na valeta da corrupção. E costumes...

Um criado de libré, aproximou-se com uma bandeja em que bolava um cartão. O visconde saiu sorrateiro, percorrendo os salões, à procura do misterioso aliado, que lhe mandava inesperada mensagem. Onde estaria o desconhecido, que se oferecia para atacar o Governo? Encontrar-se-ia nos cadeirões de couro, por detrás dos reposteiros ou nos lavabos? Nem no andar de cima, nem na sala de fumo, nem nos varandins. Será que sua eminência já teria emudecido?

A sala aplaudia, de pé, a criação do nóvel concelho. Enquanto o criado de libré acariciava generosa gorjeta, o industrial sorria, por detrás dum reposteiro, saboreando a unanimidade do seu Concelho.

A rádio que se ouve

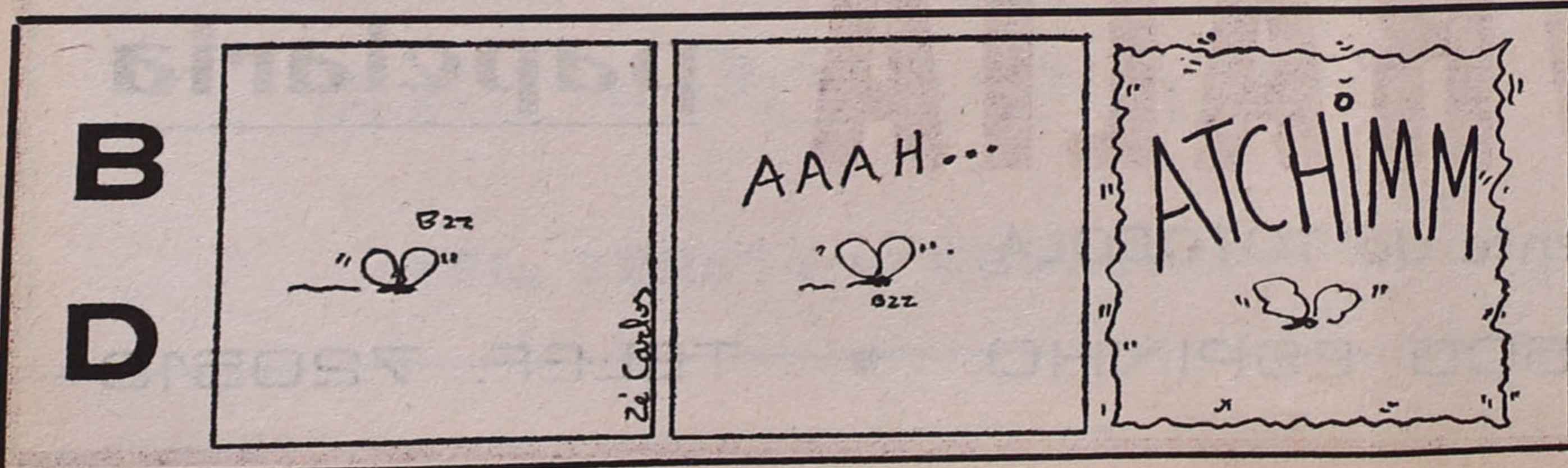
As cores que o som pode ter

O dia de Sexta-feira acabava de começar, o relógio já tinha os seus ponteiros pelas 0,40 horas, e Chick Corea dizia, aos microfones da rádio e depois do seu concerto em Lisboa, mais ou menos isto a respeito da beleza. Ela, beleza, é o que o indivíduo consegue ver em si ou através de si. «Beauty» não está nas árvores mas no que as pessoas vêem nessas árvores. A beleza só e apenas nos olhos de quem a consegue ver. Sintonizávamos a rádio Renascença quando esta lá para o ar directamente do Coliseu dos Recreios em Lisboa transmitindo a parte final do Concerto com que o músico encerrou uma sua digressão pelo Europa Um Concerto que, diga-se em abono da verdade, não teve uma grande divulgação em termos publicitários se fizemos uma comparação com aquele que se realizou dois dias antes. Mas como esta coluna a falar de rádio se destina, acrescenta-se que Corea falava no «Cor do Som», programa que se pode ouvir todos os dias da meia-noite à uma.

E pela emissão que nos ser-

viu de exemplo, pode-se dizer que este é um programa que procura sempre estar em cima do acontecimento pode ser a saída de um novo álbum, a próxima Chick Corea, ou alguma efemeridade liga à música de expressão popular anglo-americana. (Mike Oldfield teve direito a três emissões quando passavam dez anos da primeira edição de Tubular Bells). A novidade é também qualquer coisa ali presente; são vulgares e numerosas as passagem e discos antes de saírem nos circuitos comerciais.

Um bom programa de música para quem gosta de música, com muita coisa à mistura. A sua atenção vai sem dúvida e em grande percentagem para a música vulgarmente situada na área do rock, mas tem por isso se deixa de dar atenção a outros tipos de expressão musical, como foi o caso da emissão com que iniciamos estas linhas, a área do Jazz e até a música que se vai fazendo por este país. São as várias cores que o som pode ter...



ÁLVARO CAROLINO AO «M. V.»

«Evitar a descida, com tranquilidade...»

O Nacional da 1.ª divisão começa já no próximo domingo. Mais uma vez o Sporting de Espinho participa nele, depois de, como é sabido, ter vencido, invicto, a Liguinha da época passada. Muto perto de ser dado o «tiro de partida» para mais uma competição desgastante fomos até ao Campo da Avenida para ouvir as impressões de Álvaro Carolino, treinador que vai cumprir a sua 2.ª época à frente da equipa dos «tigres».

Técnico conhecido pelas suas opiniões isentas e verticais, Carolino começou por nos confiar as suas perspectivas para o Campeonato que domingo se inicia:

AC — Em termos de resultados, são um pouco mais optimistas do que na época passada, quanto mais não seja por já podermos disputar todos os jogos «em casa» no Campo da Avenida. É evidente que não podemos ser tão optimistas ao ponto de imaginarmos o SCE liberto de problemas e, «a priori» na 1.ª divisão sem lutar, como habitualmente tem de fazer, por essa mesma permanência...

UM PLANTEL MAIS EQUILIBRADO...

Falámos a seguir do actual plantel...

AC — Em meu entender, é mais equilibrado do que o da época passada! Pretendeu-se

alargar o número de jogadores com um potencial maior e, neste momento, estou convencido de que temos jogadores de bom nível técnico, e que se sabem integrar no grupo, mantendo a coesão, facto que constitui uma das armas com que o SCE tem contado e vai continuar a contar! Aliás, o facto de termos um plantel com estas características é fruto duma retrospectiva feita à época passada, durante a qual tivemos, por vezes, problemas gravíssimos, que, felizmente foram ultrapassados, como por exemplo termos ao mesmo tempo, seis jogadores lesionados e impossibilitados de darem o seu concurso à equipa.

Este ano, o SCE adoptou uma política realista de contratações, porque adaptada às suas reais possibilidades, e resolveu também dar a hipótese a jovens futebolistas portugueses que têm uma ambição natural e lógica de poderem mostrar o valor que têm e aparecerem a jogar no escalão máximo do futebol português!

EQUIPA-BASE: PRÓXIMA DA ANTERIOR

Balacó e Vitorino — duas saídas difíceis de colmatar...

AC — É sempre subjectivo dizer isso... Os milhares de espectadores que, normalmente, assistem aos jogos de uma equipa, têm, naturalmente, opiniões divergentes. Não há dúvida de que quer o Balacó quer o Vitorino eram dois elementos influentes na manobra da nossa equipa. No entanto, penso que dispomos de outros elementos com valor para os substituírem. Esperemos que, na prática, isso venha a suceder! Por isso, a equipa-base não andará muito longe da da época transacta. Não porque não pudesse formar outra, mas é bom não esquecer que só dispusemos de 26 dias para a nossa preparação! Para já tem jogado o Vivas no lugar do Balacó e o Amílcar no lugar do Vitorino...

O Campeonato 83/84 comparado com o anterior, em termos de equipas concorrentes. Mais fácil? Mais difícil?

AC — Em condições normais, será mais difícil! Para tal, há um motivo que poderá vir a ser importante: este ano teremos 10 equipas do Norte e 6 do Sul! Dessas seis, apenas uma

poderá ser comparada à nossa, a do Estoril. Haverá, pois, uma «guerra» maior entre as equipas do Norte, que são vizinhas e se conhecem muito bem; daí eu pensar que vai entrar em jogo a sua capacidade organizativa e o seu poder económico...

UM CALENDÁRIO DESFAVORÁVEL PARA O SCE...

Por outro lado, o calendário é-nos desfavorável, sobretudo na sua parte inicial. Vamos ter um início de época terrível, tendo de defrontar equipas muito fortes nos sete primeiros jogos: Boavista (c), Salgueiros (f), Porto (f), Guimarães (c), Sporting (f), Portimonense (c) e Setúbal (f)... Algumas destas equipas procuram, desde o início, assegurar posições favoráveis. A parte final, teoricamente, é mais fácil já que recebemos o Farense, iremos a Penafiel e receberemos, na última jornada o Varzim.

De todas as formas, irá ser um campeonato difícil, para o qual a nossa vontade é conseguir bons resultados, e evitar a descida, com tranquilidade. Sabemos ser capazes de conseguir isso!

Estas as declarações de Álvaro Carolino, treinador principal do futebol do SCE. Um homem realista para uma equipa realista.

BANCADA DE IMPRENSA

Da Volta a Portugal em Bicicleta há quem diga, e não sem razão, que é o espectáculo desportivo que maior audiência tem no País. Absolutamente de acordo. É o desporto ao pé da porta, que, durante cerca de quinze dias, muitos portugueses podem ver sem desembolsar positivamente nada... Pois se os intervenientes até passam à porta do espectador, sem ser preciso comprar bilhete e perder tempo à porta do «estádio»...

Vem isto a propósito do miserável (é o termo, sem tirar nem pôr!) miserável, repetimos, tratamento que a «Querida Televisão» por intermédio do infável Carlos Quinas fez da «Volta». É, por certo, impossível fazer pior do que a RTP fez! Estamos em crer que o tempo de antena dado à Volta foi bastante menor do que o dado ao «Tour». Terá sido imposição do FMI ou da CEE?

Seja como for, é lamentável que tal se tenha passado, precisamente depois da mudança de comandos na RTP, mudança de que muita gente esperava alguma coisa. A alijuzar pela amostra vista, tem relação à última «Volta», lá para os lados do Lumiar só as moscas é que mudaram...

No entanto, e como «post-scriptum» é ver como eles, os senhores da RTP, se desdobram em coberturas, quando se trata de Ténis, Automobilismo ou Vela... Critérios, não é?!!

FUTEBOL DE SALÃO

«Talhos António Dias»

venceram torneio do SCE

Tal como havíamos anunciado, tiveram lugar no passado sábado com início às 21 horas, as finais do tradicional torneio de Futebol de Salão do Espinho.

Para o 3.º e 4.º lugar defrontaram-se DAC e RECANTO E DECORAÇÕES, tendo saído vencedora, a DAC por 3 bolas a zero.

No segundo encontro da noite, aguardado com enorme ex-

pectativa, Talhos António Dias e Fidalguinha disputaram o 1.º e 2.º lugar cabendo a vitória à primeira por 2 a 1, resultado obtido através do recurso a grandes penalidades, dado que nenhuma destas equipas conseguiu superiorizar-se no marcador, quer durante o tempo regulamentar, quer durante o prolongamento.

Aquário - Marisqueira

RESTAURANTE — CERVEJARIA

Especialidade em Mariscos e Peixe Grelhado

Rua 19 n.º 28 Telef. 720377 ESPINHO

LAVANDARIA

LAVAR

A MAIS AVANÇADA TÉCNICA NA LIMPEZA E TRATAMENTO DO SEU VESTUÁRIO



Limpeza a seco — Lavagem e secagem de roupa branca, couros e antiflopes

SERVIÇO RÁPIDO

RIBEIRO, VALENTE @ C.A., L.ª

RUA 12 N.º 640 — TELEF. 723704 ESPINHO

MARÉ-VIVA
O SEU JORNAL

Casa especializada em artigos para Noivas
Acompanhantes, Comunhões, Lingerie e Pré-Mamã

ESPOSABELA

Rua 12 n.º 589 — Telef. 724203 — ESPINHO

FERNANDO RODRIGUES LIMA

TRAVESSA DA RUA 5

TRASEIRAS DA GARAGEM SOUSA — TELEF. 721739

Distribuidor dos papéis COLOWALL com nova colecção para 1983/84 acabada de sair, VIMURA, PARÊTA, PARATI, etc. Pavimentos para cozinhas e casa de banho, Alcatifas, etc.

ORÇAMENTOS GRÁTIS

J. G. Machado Peralta

MÉDICO

Rua do Calvário - SILVALDE
Tel. 723018

Rua 11 n.º 868 - Tel. 724176
4500 ESPINHO

Rui Abrantes

ADVOGADO

Rua 18 n.º 582-1.º Esq.
Sala 3

Telef. 723811 — ESPINHO

SNACK - BAR MARISQUEIRA RESTAURANTE

"SEREIA"

Av. 8, 702 — ESPINHO

ANUNCIE NO MARÉ VIVA

DR. MIRANDA VALENTE

"Sou bairrista, sem fanatismos!"

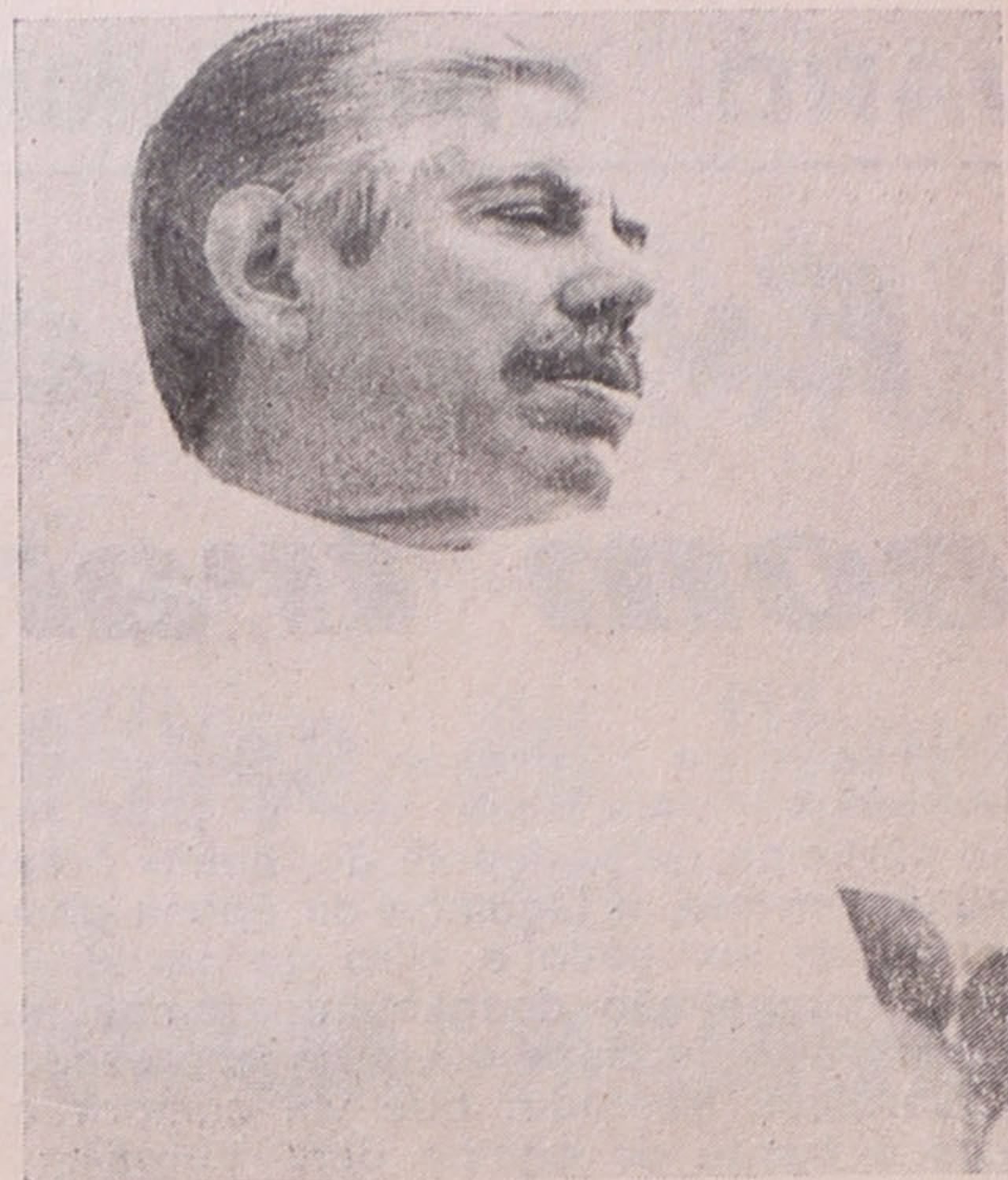
O dr. António José Miranda Valente é um homem bem conhecido em Espinho. Quase todos o conhecem pelo seu lado oficial de Delegado de Saúde do concelho ou pelo seu lado de médico chefe

do Posto Médico da Caixa de Previdência.

No entanto ele também é um homem de turismo e cultura, um bairrista dos quatro costados, espinhense indefectível.

mas epidemias graves de febre tifóide.

Ainda dentro das minhas atribuições de Delegado de Saúde pode dizer-se que fui praticamente o introdutor do chuveiro nos bairros de Espinho, cujas habitações tinham a casa de banho no quintal.



« Ser feliz até aos 100 anos ! »

MV — Como foi o início da vida do Médico Miranda Valente?

AJMV — Formei-me em Julho de 1943 e após umas curtas férias comecei a trabalhar na Misericórdia Velha, onde fui colaborador de grandes figuras da Medicina Espinhense, tendo trabalhado nomeadamente com o Dr. Gomes de Almeida e o Dr. Augusto de Castro Soares, na Cirurgia; com o Dr. Correia Marques e o Dr. Pinto Valente, na Medicina e colaborei também com o Dr. Cândido Lago, com o Dr. Gemeniano Augusto de Oliveira e com o Dr. Emídio Neves. Mais ou menos na mesma altura começaram também a trabalhar lá os Drs. Henrique Neves Estima e Soares Mota que eram meus contemporâneos.

Na Misericórdia colaborei nas primeiras intervenções cirúrgicas que lá se fizeram, tendo ganho os primeiros cem escudos numa ajuda a uma operação às varizes; com esse dinheiro comprei uma prenda para o meu Pai e outra para a minha Mãe.

Entretanto, tinha estado 6 meses em Lisboa onde fiz dois estágios, um no Hospital de S. José e outro no de Curry Cabral.

Quando o Dr. Correia Marques, então delegado de Saúde, se reformou eu entrei para a carreira de Saúde Pública, vindo a ser nomeado posteriormente Sub-Delegado de Saúde do Concelho.

Iniciei na mesma altura

as minhas funções na Caixa de Previdência e mantive-me desde sempre como colaborador do Hospital, na área da Medicina.

MV — Como analisa a sua carreira de Delegado de Saúde?

AJMV — Foi uma actividade sempre muito difícil, pois não havia uma estrutura de Saúde Pública minimamente montada, como hoje já vai havendo, vivendo-se então muito do esforço individual. Ao princípio a equipa de Saúde Pública do Concelho era constituída por mim e por um escriturário fornecido pela Câmara, na altura o «Cabecinha». Não havia agentes sanitários nem enfermeiros de Saúde Pública, de modo que o Delegado tinha que fazer tudo desde funções de veterinário, avaliando o estado de sanidade da carne de rezes abatidas, até às autópsias, etc., tudo sem ganhar mais que uns míseros tostões.

Combateram-se algumas epidemias graves como uma de tifo exantemático, doença transmitida pelo piolho, que se verificou em 1944, no famoso «Bairro Flecha» que era de carácter provisório mas que acabou por eternizar-se até ter de ser destruído pelo fogo devido à epidemia, para cujo combate contámos com o auxílio da Delegação de Saúde do Porto e do seu Parque Sanitário. No tempo em que a água canalizada era um luxo verificaram-se algu-

MV — Verificaram-se algumas melhoras nesse panorama?

AJMV — Muitas e evidentes. Em primeiro lugar houve uma melhoria nas condições de habitação em todo o concelho, mais notória nas freguesias, para a qual foi muito importante a influência dos emigrantes.

Com as novas estruturas sanitárias e estatutos de Carreiras Médicas há uma maior valorização da Saúde Pública, o que se reflecte numa melhoria sensível nos índices sanitários das populações.

São ainda tarefas fundamentais a realizar um aprofundamento dos cuidados básicos de Saúde e uma melhoria da Educação Sanitária das Populações, para o que é fundamental o esforço de todos os que possuem um nível cultural mínimo. Marcou-me muito uma frase que ouvia frequentes vezes a meu Pai, citando Danton: «A primeira necessidade de um Povo é o Pão e a segunda a Educação». Por exemplo, na feira semanal de Espinho há uma falta de higiene que é inadmissível. É inconcebível que lá se venda carne fresca quando aos talhantes é exigido que a conservem em câmaras frigoríficas.

Como este, podiam citar-se muitos exemplos igualmente flagrantes e degradantes. É da resolução deste e doutros problemas semelhantes que depende um bom nível sanitário para as populações.

MV — O Sr. Dr. é um bairrista dos quatro costados...

AJMV — Sou um bairrista, mas sem fanatismos.

Gosto muito de Espinho, e reconheço-lhe grandes qualidades e condições muito especiais.

A nossa terra tem grandes tradições como colónia balnear e sempre foi um baluarte cultural: por cá passaram grandes figuras da cultura Portuguesa e mesmo Universal, como o Manuel Laranjeira, o Amadeu de Sousa Cardoso, o Unamuno, etc..

Tenho por Espinho o amor que se tem a um ente querido, mas não tenho aquilo que se pode chamar um bairrismo mórbido. No entanto, lamento que, por exemplo, a freguesia de Esmoriz não faça parte do nosso Concelho, embora os seus habitantes bem o tenham desejado, tendo sido o sr. Alexandre Castro Soares um grande luta-

dor pela integração de Esmoriz no Concelho de Espinho, o que só não se deu por falta de vontade para que isso acontecesse, aqui em Espinho.

Espinho é uma terra com imensas possibilidades sob o ponto de vista de turismo, particularmente a freguesia de Paramos, com a sua lagoa, onde até já se pensou em construir uma pousada, no tempo do Fernando Gomes tendo mesmo havido projecto feito pelo Arq. Jorge Seguro.

MV — O sr. Dr. é um apaixonado do Turismo e das viagens. Quer comentar?

AJMV — Desde novo que gosto muito de viajar. Nos primeiros anos depois de formado não fiz férias, porque não podia e a primeira viagem que fiz fora do território nacional, foi à

continua na página 6

Ainda vai a tempo
de comprar
rifas

« Pró - Auditório » !

more viva



PORTE
PAGO

Camara Municipal de
ESPINHO

Festa com tradições de há muito firmadas, a Sra. da Ajuda faz parte integrante do Verão de Espinho. Criticada por uns, apoiada por outros, a «Sra. da Ajuda» é, para todos os espinhenses, o sinal de que o Verão está a acabar e o Outono se aproxima.

Por tudo isto é que é de estranhar que, estando nós a pouco mais de duas semanas da data habitual dos festejos, ainda nem sequer haja Comissão Organizadora. Aliás, podemos adiantar que só na passada 2.ª feira, o Vereador do Pelouro de Turismo iniciou as «démarches» no sentido de arrancar com uma Comissão.

A verdade é que uma festa com a dimensão desta não se compadece com atrasos e com soluções em cima dos joelhos. Oxalá nos enganemos; mas não auguramos nada de bom para a Sra. d'Ajuda deste ano.

